

***Relatório semanal de Conjuntura
e Mercado Financeiro***

(Período de 03/11/08 a 07/11/08)

Tivemos uma semana marcada, aqui no Brasil e lá fora, por acontecimentos, divulgação de resultados e indicadores, que marcam a história e estabelecem novas diretrizes para o cenário mundial de entrada em recessão. Só para citar os mais significativos, tivemos as eleições americanas, com o primeiro negro da história americana chegando à Casa Branca; foi anunciado o pior índice de desemprego nos Estados Unidos desde 1994; os resultados dos balanços do terceiro trimestre de 2008 de muitas empresas pelo mundo levaram à revisão de expectativas de vendas e lucros das mesmas, apontando para um aumento do pessimismo no meio corporativo; e no Brasil, assistimos à fusão do Itaú e do Unibanco, depois de uma negociação secreta e muito bem arquitetada que durou 15 meses.

Pois é, colocar na Casa Branca um presidente negro apenas 44 anos após o fim da segregação racial, eleito por um eleitorado majoritariamente branco (os negros são apenas 12,8% da população), onde os mais jovens são menos brancos e são mais latinos, asiáticos, africanos (cerca de 34 milhões de americanos nasceram em outros países), é uma enorme transformação e fruto de um processo de fusão, de redução das desigualdades.

Barack Obama vai assumir, em pouco mais de dois meses, uma economia cuja crise está se espalhando para os setores da economia real, que mostra pelos indicadores econômicos e pelos resultados corporativos que estamos longe de uma solução. Seu programa será composto de subsídios fortes à classe média, corte de impostos, mas não para toda a sociedade (beneficiando mais a classe média e a pobre), e um novo plano de incentivo ao consumo que pode ser negociado já com o Congresso, que está no fim de mandato. Uma das medidas que propôs na campanha, e que deve adotar mesmo, é uma suspensão de três meses das ações de despejo, na esperança de em 90 dias se pensar em algumas medidas que socorram pessoas que estejam para perder suas casas.

Obama sabe da importância de começar o quanto antes a agir, mas sabe também da necessidade de não diminuir o que resta de autoridade do presidente Bush, porque, afinal, o país está envolvido ao mesmo tempo em duas guerras.

No Brasil, a fusão entre o Itaú e o Unibanco confirma a solidez do sistema financeiro brasileiro, já pelo fato da união do segundo maior banco do Brasil com o quarto maior banco, sem a interferência ou ajuda do governo, mostrar que ambas as instituições estão bem financeiramente. Fusão implica em união e não em compra de uma instituição em dificuldade ou falida por outra, como temos assistido pelo mundo, sobretudo nos Estados Unidos.

A idéia da fusão surgiu ao ver o Santander, um banco estrangeiro, chegar com força total ao mercado brasileiro, engolindo o Banespa, comprando o Real e apresentado uma atitude bem mais agressiva que os outros bancos estrangeiros.

Os dois bancos perderam muito valor de mercado, principalmente o Unibanco. O Unibanco perdeu 63,8% do seu valor de mercado do início do ano até 31 de outubro, isso significou R\$ 33 bilhões. O Itaú perdeu 35% de valor de mercado no mesmo período, R\$ 37 bilhões. Juntos, perderam mais de R\$ 70 bilhões de valor. Mas, ao mesmo tempo, juntos, tiveram lucros de R\$ 8 bilhões nos primeiros trimestres do ano. Nasceram com uma relação entre ativos e exposição a risco muito melhor do que a exigida por Basileia. O índice de Basileia é 8%; o exigido pelo Conselho Monetário Nacional é 11%, a dos dois bancos é 15%.

Formando assim o maior banco do hemisfério Sul, Itaú e Unibanco terão mais poder de fogo no mercado global, podendo aproveitar a crise financeira para fazer movimentos de compras fora do país. Aqui no Brasil, a fusão também deve obrigar a novos movimentos por parte de outros bancos grandes, haverá mais movimentos de concentração no mercado brasileiro. Há incentivo do BACEN para compra de carteiras, para absorção dos bancos pequenos, e agora há o desafio posto pelo Itaú Unibanco Holding, que virou o maior banco do país. O Bradesco, que vinha sempre sendo ultrapassado pelo Itaú em lucro, deve agora estar

FUNDAMENTUM

preparando seus movimentos. O Banco do Brasil quer comprar a Nossa Caixa, o BRB e o Banco do Piauí, depois de ter comprado o Besc.

Normalmente, concentração de mercado é ruim para o consumidor, mas este é um momento de emergência, de crises externas, de abalo da confiança em bancos em vários mercados, onde é melhor que haja uma manobra preventiva e que o Brasil jogue na ofensiva.

Para o cliente dos dois bancos, nada muda por enquanto. Ficam os mesmos produtos, as mesmas agências, tudo igual. Haverá um comitê de integração que vai estudar como unificar as operações dos dois bancos, mas isso vai demorar. Por enquanto, fica tudo como está.

Cenário Internacional

O Fundo Monetário Internacional (FMI) divulgou quinta-feira suas projeções revisadas para o crescimento de diversos países, que mostraram uma perspectiva mais pessimista para o próximo ano. O crescimento mundial, que era de 3% para o ano que vem, foi revisado para 2,2% e para os Estados Unidos houve redução nas projeções, antes previa um crescimento de 0,1%, que agora foi revisado para um recuo de 0,7% para 2009. Para os países desenvolvidos, a perspectiva é de uma queda de -0,3% no PIB, ao passo que para os emergentes o crescimento do ano que vem passou de 6,1% para 5,1%. Para o Brasil, também houve revisão negativa para o PIB de 2009, de 3,5% para 3%.

Nos Estados Unidos, o democrata Barack Obama foi eleito o novo presidente do país. Em seu discurso, o novo presidente disse que irá trabalhar para unir o país e restabelecer a confiança. Em relação à crise econômica, Obama reconheceu que enfrentará uma situação econômica difícil, mas pediu a união da população para reconstruir a nação. As dúvidas que cercam o presidente eleito são, neste momento, voltadas à atual crise econômica que os Estados Unidos enfrentam e quais políticas serão adotadas para reverter essa situação. Barack Obama deverá ser empossado no próximo dia 20 de janeiro.

O governo dos Estados Unidos pretende disponibilizar US\$ 550 bilhões em empréstimos antes do fim do ano e, na próxima semana, o Tesouro vai vender US\$ 55 bilhões em bônus. Todas essas medidas fazem parte do pacote de resgate. A aceleração das medidas, por outro lado, também pressiona o déficit fiscal do governo, que poderá alcançar, no próximo ano, o patamar de US\$ 1 trilhão, segundo alguns analistas. O déficit é um dos obstáculos que Obama terá que enfrentar.

Nos Estados Unidos, os indicadores econômicos continuam apontando para a desaceleração da economia e deterioração do cenário econômico-social, com restrição ao crédito e diminuição da liquidez no mercado.

As encomendas à indústria do mês de setembro apresentaram queda de 2,5% em relação ao registrado no mês de agosto, superando as expectativas, de queda de 0,8%, mas ainda melhor do que a queda do mês anterior (-4,3%). As encomendas excluindo transportes recuaram ainda mais, 3,7% na mesma base de comparação. O grupo de maior destaque foi o de defesa, com encomendas crescendo 19,5% na margem. A queda nas encomendas é um antecedente da produção industrial, que deverá mostrar resultados mais fracos para setembro e outubro, também influenciada pelas restrições de crédito.

O ISM de manufaturas de outubro caiu para 38,9 pontos, ficando abaixo das expectativas de 42,5 pontos. O ISM de preços pagos também apresentou redução, de quase 15 pontos, para 37, também abaixo das expectativas de 48 pontos. O indicador de emprego também caiu, para 34,1 pontos, indicando que as perspectivas para o mercado de trabalho também não são boas. Os resultados mais baixos refletem a piora na crise financeira e as condições de crédito mais restrito, além de uma atividade enfraquecida conforme resultado prévio do PIB do terceiro trimestre e indica um resultado também fraco no quarto trimestre. Além disso, os ISMs de manufaturas e de preços pagos mostram uma tendência recessiva para a atividade, já que ficaram abaixo do valor neutro de 41,1. Os resultados são os mais baixos da série histórica.

O ISM de serviços do mês de outubro caiu para 44,4 pontos, surpreendendo negativamente o mercado (que esperava 47 pontos). O indicador de preços pagos apresentou o maior recuo, passando de 70 para 53,4 pontos. Com o ISM de serviços está diminuindo cada vez mais a distância em relação ao valor neutro (41,1 pontos), pode-se esperar uma desaceleração nessa atividade nos próximos meses.

Também foram divulgados os gastos com construção do mês de setembro, que registraram queda de 0,3% em relação ao mês anterior. Ainda que o resultado seja bastante baixo, ficou acima do esperado pelo mercado (-0,5%). Os gastos menores com construção, que estão assim desde meados do ano passado, mostram a menor confiança dos construtores, as restrições maiores de crédito e uma atividade menor em geral.

Na quinta-feira, alguns dados sobre o mercado de trabalho do país foram divulgados, mostrando uma deterioração adicional neste mercado. A produtividade do setor não-agrícola apresentou crescimento de 1,1% no terceiro trimestre, uma considerável desaceleração em relação ao trimestre anterior (3,6%) e superior ao esperado pelo mercado (0,7%). O custo unitário da mão de obra subiu bastante, 3,6% em relação ao trimestre anterior, quando teve queda de 0,1%. Já as horas trabalhadas recuaram 1,7% no terceiro trimestre na margem.

Na sexta-feira, dados sobre a renda pessoal, gastos e índices de confiança foram divulgados. O rendimento pessoal apresentou crescimento de 0,2%, desacelerando em relação ao mês anterior, mas acima do esperado pelo mercado (0,1%). No entanto, este crescimento não foi acompanhado por uma elevação nos gastos pessoais, que passaram para o lado negativo, com recuo de 0,3% no mês. Essa queda nos gastos pode explicar a grande queda do consumo das famílias no terceiro trimestre (3,1% na primeira prévia do PIB). O deflator do PCE apresentou ligeira desaceleração na comparação com o mesmo período do ano passado, 4,2%. O núcleo, excluindo energia e alimentação, apresentou pequena aceleração, 2,7% na mesma base de comparação.

Outro indicador divulgado, o índice de compras dos gerentes de Chicago, caiu quase 20 pontos em outubro, para 37,8 pontos. O resultado, ainda que bastante baixo, ficou acima das expectativas do mercado (48 pontos). O indicador de preços pagos apresentou uma das maiores quedas, passando de 80,7 pontos em setembro para 53,7, assim como o indicador de produção, que caiu de 71,4

pontos para 30,4. Já a confiança do consumidor, avaliada pela Universidade de Michigan, apresentou praticamente a mesma pontuação de setembro, 57,6 pontos. As expectativas de inflação para os próximos doze meses, um dos itens do índice de confiança, caiu para 3,9%. Ela vinha se mantendo ao redor dos 4,5% desde o início do ano, mas agora começa a refletir a desaceleração dos preços de alimentos e de energia.

Ainda nos Estados Unidos, a ADP divulgou quarta-feira seu dado de geração de vagas de empregos no setor privado, que mostrou ainda um mercado de trabalho bastante enfraquecido. No mês de outubro, houve corte de 157 mil vagas, face a um corte de 26 mil no mês anterior, ficando acima das expectativas, de uma redução de 102 mil postos de trabalho. O mercado de trabalho, enfraquecido desde o início do ano contribuiu negativamente para a demanda doméstica no último trimestre e deverá continuar assim nos próximos períodos. Com a piora na crise e a diminuição na confiança dos empregadores, o mercado de trabalho também tende a piorar.

Para fechar, na sexta-feira saíram os dados de desemprego nos Estados Unidos. A média das previsões era que o desemprego americano subisse de 6,1% em setembro para 6,3% em outubro. Mas a taxa veio pior, em 6,5%. Cerca de 240 mil postos de trabalho foram cortados no país em outubro e no acumulado do ano o número passa de 1,2 milhões. É o maior nível de desemprego desde 1994. Acompanhando este resultado, o consumo nas principais redes varejistas sofreu forte queda em outubro, em lojas de todas as faixas de preço, pegando desde o varejo mais barato como lojas de luxo. A Gap, por exemplo, registrou queda nas vendas de -12,2% na comparação com outubro do ano passado; já a Saks teve baixa de 18,6%.

Na Zona do Euro a situação não é melhor, e a Comissão Européia divulgou na segunda-feira um relatório em que admitiu que a economia na Zona do Euro está em recessão técnica. Além disso, o crescimento deve se manter estável em 2009

para a região e o mercado financeiro se encontra em precárias condições, o que traz riscos significativos para as perspectivas econômicas. As revisões de crescimento para a Zona do Euro, em 2008, foram revisadas para 1,2% (ante 1,7%) e para a União Européia para 1,4% (ante 2%). Já para o ano que vem, as perspectivas são mais pessimistas, 0,1% de crescimento na Zona do Euro e 0,2% para a União Européia.

Na quinta-feira, o Banco Central Europeu (BcE) anunciou novo corte em sua taxa básica de juros, novamente de 0,50 ponto percentual, para 3,25% ao ano. O presidente do BcE, Jean Claude-Trichet, declarou que o corte foi votado por unanimidade, mas que um corte de 0,75 ponto percentual foi considerado e não descartou novos cortes nas próximas reuniões. O corte foi influenciado pela possibilidade de que a inflação apresente uma desaceleração mais rápida do que o esperado.

Os indicadores econômicos para a região refletem o mesmo quadro de desaceleração e restrição de crédito que descrevemos para os Estados Unidos.

O índice de preços ao produtor da Zona do Euro registrou queda de 0,2% em setembro, ficando abaixo das expectativas do mercado (-0,1%). A desaceleração dos preços das commodities, em especial do petróleo, foi o principal fator da desaceleração dos preços, além do desaquecimento da atividade na região. Ainda assim, a inflação continua com variação bastante alta: na comparação interanual registrou alta de 7,9%, ligeiramente abaixo das expectativas (8%).

Os resultados dos PMIs de manufaturados da Zona do Euro e Alemanha indicaram contração na economia em outubro, atingindo suas menores pontuações já registradas. O PMI da Zona do Euro ficou quase em linha com as expectativas (41,3 pontos) com 41,1 pontos. O mesmo ocorreu na Alemanha, maior economia da região do Euro, em que o PMI caiu para 42,9 pontos, ficando abaixo das expectativas (43,3 pontos).

Já os PMIs de serviços da Zona do Euro e da Alemanha ficaram abaixo dos 50 pontos neutros em outubro e apresentaram a menor pontuação histórica,

indicando retração na economia de ambas. Na Zona do Euro o PMI caiu para 45,8 pontos, ficando abaixo das expectativas (46,9 pontos). Enquanto isso, as vendas no varejo caíram 0,2% na margem, resultado acima do esperado (-0,4%). Na comparação interanual, as vendas também recuaram, para -1,6%, acima do esperado de queda de 2,2%. Já na Alemanha, o PMI registrou 48,3 pontos, abaixo das expectativas (49,7 pontos).

O governo da Alemanha se reuniu na quarta-feira para discutir um plano de ajuda para a economia, que contará com US\$ 65 bilhões e teria uma duração de 2 anos. O pacote incluiria incentivos fiscais, subsídios, incentivos ao mercado de trabalho e aumento dos gastos em infra-estrutura.

A balança comercial da Alemanha em setembro superou as expectativas (€ 13,5 bilhões) e fechou com superávit de € 15 bilhões. As exportações apresentaram uma elevação de 0,7% enquanto que as importações subiram 0,7%, ambas na margem. A conta corrente chegou a € 15 bilhões, também ficando acima do esperado pelo mercado (€ 10,3 bilhões). A depreciação do Euro fez com que os produtos alemães ficassem mais competitivos no mercado internacional, mas mesmo assim as encomendas às indústrias registraram a maior queda histórica (8%), muito abaixo das expectativas (-2,3%). Na comparação interanual, as encomendas recuaram 2,7%, ficando acima do esperado (-3,2%). Isso indica que a indústria já sentiu o corte de investimentos, além da baixa demanda por exportações, o que ainda não deve melhorar no próximo mês por conta da crise econômica.

No Reino Unido, o Bank of England (BoE) anunciou sua decisão de política monetária, em que cortou a sua taxa básica de juros em 1,50 pontos percentuais para 3% ao ano, menor nível desde 1950. No comunicado da decisão, a instituição mostrou menor preocupação com as pressões inflacionárias, que estariam mostrando uma tendência de desaceleração para os próximos meses. Além disso, o Banco avaliou que os riscos para a atividade ficaram ainda mais evidentes nas últimas semanas, o que justificaria um corte na taxa básica. Por

fim, a autoridade monetária inglesa alertou para a redução da confiança dos empresários e consumidores, conforme indicado por pesquisas de confiança. Em sua última decisão, o BoE já havia reduzido a taxa de juros em 0,50 ponto percentual, em uma ação coordenada entre diversos bancos centrais ao redor do mundo.

No Reino Unido, o PMI ficou um pouco acima do esperado pelo mercado (40,1 pontos) com 41,5 pontos. A maior restrição de crédito decorrente da crise econômica mundial atingiu as exportações, dada a baixa demanda internacional, o que contribuiu para uma pior expectativa para os próximos meses.

O PMI de serviços do Reino Unido registrou 42,4 pontos em outubro, a menor marca já registrada, abaixo das expectativas do mercado, o que indica que a atividade está em contração. A produção industrial também não mostrou melhora em setembro: queda de 0,2% na margem, em linha com as expectativas. Na comparação interanual a produção caiu 2,2%, também em linha com o esperado. A retração do crédito desacelerou a demanda por exportações dos países europeus, influenciando diretamente na desaceleração da atividade.

Na China, o governo chinês está estudando a criação de um pacote de investimentos no setor de transportes, com o objetivo de estimular o crescimento da economia do país. O plano contaria com US\$ 730 bilhões, que seriam investidos nos próximos 3 ou 5 anos. Parte desse montante seria utilizado para a construção de ferrovias e outras partes para estradas, hidrovias e portos. O crescimento da atividade econômica começou a mostrar sinais de desaceleração no último trimestre, quando o PIB cresceu 9% e a indústria começou a desacelerar. O PMI de manufaturados da China caiu para 44,6 pontos em outubro, indicando contração desta atividade ante os 51,2 pontos registrados no mês anterior, quando ainda indicava expansão. Essa é a menor marca deste PMI desde julho de 2005.

No Japão, o Bank of Japan (BoJ) divulgou quarta-feira a ata de sua última reunião, em que decidiu pelo corte de 0,20 ponto percentual, para 0,30% ao ano.

O Banco revelou que a avaliação de seu mercado financeiro não é tão negativa, a ata reportando que apenas as instituições pequenas e médias mostram sinais de enfraquecimento financeiro. Quanto às perspectivas para a atividade econômica no país, a expectativa é de que as exportações permaneçam em patamar baixo, por conta da desaceleração da atividade no mundo. A demanda interna também deverá continuar com crescimento baixo, já que os lucros das empresas apresentam baixo crescimento e a confiança dos empresários diminuiu. O consumo das famílias também deverá continuar fraco, em especial porque a confiança do consumidor começou a refletir os problemas financeiros e os que decorrem da valorização da moeda japonesa. Com a valorização do iene os termos de troca foram afetados, bem como devem ser as exportações dos próximos meses.

Na Coreia do Sul, o governo anunciou na segunda-feira um pacote de estímulo à sua economia, cujo montante será de US\$ 11 bilhões. Neste montante, o plano inclui corte nos impostos e investimentos governamentais, com o objetivo de impulsionar o crescimento do país em 2009. O governo acredita que o pacote poderá resultar em um crescimento até 1 ponto percentual maior do que o que seria obtido sem o plano.

Finalmente, como temos analisado nos últimos relatórios, não podemos deixar de observar a Libor voltando ao normal. A taxa que mede o custo dos empréstimos entre os bancos caiu novamente para níveis anteriores à quebra do Lehman Brothers, que aconteceu dia 15 de setembro. A taxa para 90 dias recuou de 2,86% para 2,71% nesta semana. O recuo da taxa é muito importante porque mostra que o relacionamento entre os bancos voltou ao normal, os diferentes governos podendo agora se dedicar diretamente ao combate à recessão, com confiança renovada pela Vitória de Obama nos Estados Unidos.

Cenário Interno

A Organização Mundial do Comércio (OMC) divulgou quarta-feira seu relatório anual e refez seus cálculos para o Brasil que passou para o 24º lugar (ante 23º) entre os maiores exportadores. Assim, o Brasil terá participação de 1,2% no comércio mundial. Os preços das commodities deverão ser afetados pela demanda mais fraca no mundo, o que contribuirá negativamente para as exportações brasileiras. A expectativa é que até 2009 o país ainda sofra com as conseqüências da crise. Para o comércio internacional como um todo, a OMC estima um crescimento interanual de 5,5%, ante previsão de 6%.

Segundo o Ministério do Planejamento, com o desaquecimento da economia decorrente da crise econômica mundial, as receitas públicas deverão apresentar redução de R\$ 15 bilhões no próximo ano em relação ao previsto na proposta orçamentária. Com a desaceleração na atividade de países como Japão, Estados Unidos e da Europa, a queda dos preços do petróleo deverá se agravar, diminuindo em R\$ 5 bilhões a arrecadação com royalties em 2009, dos R\$ 25 bilhões antes projetados segundo estimativas do mercado. Se os preços continuarem caindo, essa previsão deverá ser de diminuição ainda maior. A desaceleração da economia também diminuirá em R\$ 10 bilhões a arrecadação de tributos federais, sendo antes previsto arrecadar R\$ 662,3 bilhões. Mesmo com a nova estimativa, o governo deixou claro que não irá cortar investimentos que fazem parte do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). A possibilidade de aumento na carga tributária para equilibrar o corte no Orçamento também foi descartada pelo Governo.

A projeção provisória para o crescimento do PIB no próximo ano foi reduzida de 4,5% para 3,8%. Com a redução no crescimento esperado do PIB, além de outras variáveis como o preço das commodities e inflação, o Orçamento deverá sofrer um corte de pelo menos R\$ 8 bilhões. De acordo com algumas estimativas, a

cada 1 ponto percentual de menor crescimento no PIB, R\$ 4 bilhões deixam de ser arrecadados em tributos.

Na quinta-feira, o Copom divulgou a ata de sua última reunião, em que decidiu pela manutenção na taxa de juros, interrompendo o ciclo de aumento na taxa Selic em curso desde abril. O Banco Central (BACEN) reconhece que a inflação no Brasil continua sob pressão, mas afirma que a turbulência no sistema financeiro cria um ambiente de total incerteza. Como os efeitos da política monetária levam um tempo para surtir efeito, o melhor é esperar e deixar tudo como está. O documento salientou os riscos que a crise financeira internacional pode trazer para a atividade brasileira e não se comprometendo com a próxima decisão. Segundo o documento, o Banco Central mostrou que acredita que as vendas no varejo estão condicionadas à manutenção do cenário macroeconômico atual. A ata continua alertando para os riscos do hiato entre o crescimento da demanda e do produto para a inflação, que é prevista para aumentar no curto prazo.

Preocupado com a questão cambial e no sentido de recuperar as exportações, O BACEN anunciou terça-feira mudanças nas regras de participação na operação de empréstimos de dólar vinculados à exportação. Com as novas regras, mais instituições financeiras poderão participar dos leilões, já que todos os bancos que oferecem linhas de crédito ao setor exportador poderão tomar recursos do BACEN, e não apenas os que têm títulos da dívida externa. A operação, com as novas regras, será válida por seis meses e terá duas etapas. Na primeira, que começa no próximo dia 7 e terá fim no dia 7 de dezembro, a autoridade monetária irá vender dólares com compromisso de recompra para que os bancos possam emprestar aos exportadores. Na segunda etapa, entre 8 de dezembro e 8 de maio do ano que vem, esses empréstimos serão usados como garantia das concessões feitas agora e que terão vencimento em maio.

Com este mesmo intuito, o BACEN já tinha divulgado na segunda-feira a regulamentação do acordo da criação de uma linha de swap entre a instituição e

o Federal Reserve (FED). O acordo, anunciado no dia 29 de outubro, criou uma linha de swaps entre as moedas dos dois países de até US\$ 30 bilhões. Segundo a regulamentação, as operações poderão ser realizadas até o final de abril do ano que vem. Os valores em reais depositados no FED serão creditados em conta especial de depósito no BACEN, em nome do FED. De maneira análoga, os dólares depositados na autoridade monetária brasileira serão creditados no FED, em conta especial em nome do BACEN. A criação da linha de swap entre os dois bancos centrais tem como objetivo aumentar a liquidez do mercado brasileiro e assim tentar evitar os efeitos adversos da falta de crédito na economia real.

No sentido de aumentar a liquidez, o governo anunciou esta semana R\$ 15 bilhões em crédito para as empresas. Parte das linhas de R\$ 10 bilhões que serão oferecidas pelo BNDES para capital de giro e pré-embarque de vendas externas de médias e grandes empresas será do Tesouro, que vai emitir títulos para colocá-los no banco público. O pacote também tem ajuda para micro e pequenos empresários, via Banco do Brasil, R\$ 5 bilhões. Parte do dinheiro virá do FAT, R\$ 5,25 bilhões, que serão divididos com a agricultura familiar. O dinheiro do FAT vai ser para linhas de crédito do BNDES, do Banco do Brasil e da Caixa. Porém, a maior ajuda é no prazo maior para o recolhimento das contribuições federais, beneficiando as empresas sem comprometer as contas públicas, dando um fôlego a mais no capital de giro dos empresários.

No que diz respeito à atividade industrial no país, o IBGE divulgou terça-feira a edição de setembro da Pesquisa Industrial Mensal (PIM), que revelou recuperação da indústria nacional após mau desempenho em agosto. Favorecida pelos três dias úteis a mais que em setembro de 2007, a produção industrial apresentou 9,8% de crescimento em base de comparação interanual, a mais alta variação desde abril, quando elevou-se 10%. Já na margem dessazonalizada, o crescimento foi de 1,7%, face a uma queda de 1,2% no mês anterior. O destaque no mês foi a produção de bens relacionados ao investimento: por um lado, a

produção de bens de capital apresentou altas bastante elevadas, de 25,8% ante setembro de 2007 e de 3,7% na margem dessazonalizada, ao mesmo tempo em que os Insumos Típicos da Construção Civil (ITCC) acumulam no ano crescimento de 10,9%, apontando para 2008 como o seu melhor ano.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) divulgou terça-feira seus indicadores industriais do mês de setembro, que mostrou crescimento de 2% nas vendas reais na margem, pela série dessazonalizada. Na comparação com setembro do ano passado, o faturamento cresceu 10,2%. As horas trabalhadas cresceram 1,2% em relação ao mês anterior e 9,6% em base de comparação interanual, maior avanço na série histórica. Entre os setores com melhores resultados estão veículos automotores e máquinas e equipamentos, boa notícia por serem setores ligados diretamente aos investimentos. O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) subiu para 83,3% no mês, mas vem registrando relativa estabilidade nos últimos meses. Os efeitos adversos da crise financeira internacional só deverão começar a ser sentidos na indústria no início do ano que vem, em especial no primeiro trimestre.

No entanto, resultados de vendas de veículos para outubro indicam um mês consideravelmente pior para o segmento automobilístico, que tem a maior contribuição para o crescimento da indústria nacional, o que pode contribuir para uma desaceleração nos indicadores da próxima edição da PIM. A Fenabrave divulgou na quarta-feira que as vendas de veículos apresentaram queda de 13,81% em outubro com relação a setembro, na série sem ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, houve redução de 5,7%. Assim as vendas de carros somaram no mês 398.507 unidades e, no ano, 4,1 milhões. O resultado acumulado no ano mostra crescimento de 22,17%. As vendas de veículos comerciais leves e automóveis recuaram 3,36% na comparação interanual.

Já na quinta-feira, a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotivos (Anfavea) divulgou uma redução de 1,3% no número de veículos produzidos em

outubro em relação a setembro, passando de 300.220 para 296.315 unidades. Comparando-se o mês passado com outubro de 2007, houve queda de 0,3% da produção. No acumulado de janeiro a outubro deste ano, chegaram aos pátios das fábricas 2,92 milhões de unidades, aumento de 17,6% em relação ao mesmo acumulado de 2007. A desaceleração da produção é reflexo da queda de vendas no mercado interno – devido ao aperto ao crédito para financiamento – e do aumento dos estoques, que em outubro contra setembro registrou crescimento de 14,3%. As vendas de veículos apresentaram uma queda marginal de 11% na série não dessazonalizada; na comparação interanual houve queda de 2,1%.

Para reduzir o ritmo e ajustar os estoques algumas montadoras decidiram antecipar as férias coletivas e acertar o saldo do banco de horas. Os resultados da Anfavea seguem em linha com a divulgação da Fenabreve, que também mostrou desaceleração nas vendas de automóveis. Ambos os resultados deverão refletir em resultados menores na produção industrial e nas vendas no varejo para o mês de outubro. O segmento automobilístico vinha apresentando resultados bastante positivos nos últimos meses, o que contribuía para uma produção industrial forte, mas com o agravamento da crise financeira e a maior restrição ao crédito, o setor começa a mostrar sinais de moderação, ainda que mantenha patamar elevado de crescimento no acumulado no ano.

Na quinta-feira, para ajudar o setor o governo liberou uma linha de crédito de R\$ 4 bilhões por meio do Banco do Brasil. A instituição comprará a carteira de crédito dos bancos das montadoras que estão sofrendo com a falta de recursos decorrente da crise econômica internacional. Os recursos do Banco do Brasil serão oferecidos por meio de empréstimos com a emissão de Certificados de Depósitos Interbancários (CDIs). No total, os bancos das montadoras respondem por 40% do financiamento nacional de veículos. No mesmo sentido, a Caixa Econômica Federal fará parceria com instituições financeiras para entrar de forma mais agressiva no financiamento de veículos. Em outra frente, a Caixa Econômica

Federal negocia com montadoras e concessionárias para oferecer R\$ 1 bilhão em empréstimos nos pontos de venda.

No que se refere à inflação, a Pesquisa Focus, referente à semana até 31 de outubro, mostrou que a mediana das expectativas para o IPCA para 2008 e 2009 subiu novamente. Para 2008, elas passaram de 6,29% para 6,31% e, para 2009, de 5% para 5,06%. Já em relação à taxa Selic, houve redução para o final deste ano, de 14,25% para 13,75%, assim como em 2009, de 13,50% para 13,38%. Em relação ao câmbio, para 2008 houve elevação de R\$/US\$ 1,95 para R\$/US\$ 2,00. O mesmo ocorreu para 2009, de R\$/US\$ 1,90 para R\$/US\$ 2,00.

O IPC-S de outubro, segundo divulgou a Fundação Getúlio Vargas (FGV), apresentou alta de 0,47%, acima das expectativas do mercado de (0,42%). O destaque ficou por conta do grupo alimentação, com forte aceleração, para 0,83%. Os grupos habitação, saúde e vestuário também aceleraram, e tiveram elevações de 0,42%, 0,42% e 0,88%, respectivamente. O grupo despesas diversas foi o único a apresentar deflação, de 0,14%.

Na quarta-feira também, a FGV divulgou que o Índice de Preços ao Consumidor - Classe 1 (IPC-C1) aumentou 0,66% no mês de outubro, ante queda de 0,57% registrada em setembro. Este resultado, que foi a maior taxa desde junho deste ano, mostra que a inflação voltou a pressionar a renda da camada mais pobre da população.

Na quinta-feira, a FGV divulgou o IGP-DI referente ao mês de outubro, que mostrou alta de 1,09%, acima das expectativas do mercado (1%). O IPA apresentou forte aceleração, para 1,36%, puxado principalmente pela alta de produtos industriais (1,86%). O IPC, também com forte aceleração, subiu para 0,47%, com destaque para o forte avanço de alimentação (0,83%). O INCC, por sua vez, apresentou desaceleração, para 0,77%.

Ainda em relação à inflação, o IPC-FIPE de outubro acelerou para 0,50% ante alta de 0,38% em setembro, ficando em linha com as expectativas do mercado (0,50%). O destaque ficou por conta da aceleração do grupo alimentação, que subiu 0,37%. Outros grupos que contribuíram para essa aceleração foram habitação e vestuário, que apresentaram altas de 0,75% e 0,54%, respectivamente.

Em linha com estes indicadores de ressurgimento de uma alta nos preços, o Dieese divulgou quarta-feira o Índice de Custo de Vida (ICV) do mês de outubro, que mostrou alta de 0,43%. O grupo alimentação foi o destaque com avanço de 0,67%, com maior elevação em itens como feijão e produtos in natura. Outro destaque foi habitação, com alta de 0,47%. Os outros grupos também mostraram variações positivas: saúde com 0,49% e transporte 0,33%.

Mesmo com estes indicadores de retomada da pressão inflacionária, os especialistas não estão muito preocupados com os preços já que estamos em um cenário de recessão mundial, que deve derrubar os índices nos primeiros meses do ano que vem. Mesmo assim, é bom lembrar que a ata da última reunião do Copom, falou bastante em pressões inflacionárias.

No que tange o investimento, a FIESP (Federação das Indústrias de São Paulo) alertou em pesquisa publicada esta semana que 42% das empresas planejam cortar gastos no ano que vem, incluindo redução no número de criação de postos de trabalho e nos planos de investimentos. Do total de empresas pesquisadas, 43% esperam queda nas vendas no mercado interno. Em relação ao crédito, 43% dos pesquisados avaliaram que está mais difícil conseguir empréstimos e 61% avaliaram que estes estão mais caros. Para a Abdib (Associação Brasileira de Infra-estrutura e Indústria de Base), as obras de infra-estrutura já iniciadas ou contratadas no país irão demandar cerca de R\$ 90 bilhões para serem finalizadas. Parte desse montante, segundo a Associação, deverá partir do BNDES, mas sem prazo para que isso ocorra, de forma que alguns investimentos poderão atrasar.

A Abdib também estima que do total de R\$ 90 bilhões, R\$ 57 bilhões são de obras ainda não iniciadas, ou seja, estão mais propensas a limitações. As revisões nos planos de investimentos refletem o maior receio em relação à economia e em como o país irá reagir aos efeitos adversos da crise financeira e creditícia mundial. A confiança do empresário também reflete as condições piores dos mercados e as conseqüências para a economia real, que deverão ser vistas já nos próximos meses.

Olhando para as contas públicas, o setor público não financeiro registrou superávit primário de R\$ 10 bilhões em setembro, acumulando no ano R\$ 118,4 bilhões. Em doze meses esse superávit chega a US\$ 128,8 bilhões, o que representa 4,6% do PIB. Os juros nominais apresentaram redução no mês, refletindo a depreciação cambial, e somaram R\$ 6,1 bilhões. Assim, o superávit nominal no mês foi superavitário em R\$ 3,9 bilhões. O superávit nominal acumulado em doze meses representa 1,32% do PIB com os resultados do mês passado. Esse é o menor percentual nesta base de comparação em toda a série. A dívida líquida do setor público chegou a R\$ 1.127,2 bilhões, ou 38,3% do PIB (ante 40,4% do PIB, uma redução também explicada pela depreciação cambial no mês).

A balança comercial registrou superávit de US\$ 1,2 bilhão em outubro, resultado de exportações de US\$ 18,512 bilhões (com média diária de US\$ 841,5 milhões) e de importações de US\$ 17,305 bilhões (cujas médias diárias foram de US\$ 786,6 milhões). Pela média diária, as exportações apresentaram redução de 7,5% em relação ao mês anterior, mas elevação na comparação com o mesmo mês de 2007 (17,4%). No caso das importações houve crescimento tanto na margem (0,2%), quanto na comparação interanual (40,3%), também pelo critério da média diária. Pelo lado das exportações destacam-se as vendas de bens básicos e manufaturados, em especial de minério de ferro e óxidos e hidróxidos de alumínio. Para as importações os destaques ficaram por conta das compras de

combustíveis e lubrificantes. O saldo da balança comercial fechou outubro em US\$ 26,506 bilhões no acumulado dos últimos 12 meses, valor 37,9% menor que o registrado no período equivalente no ano passado. O problema é que além do preço, houve diminuição no volume das exportações de commodities já sobre setembro, antecipando um cenário que o setor previa para 2009. Em novembro, se o ritmo continuar o mesmo, as exportações serão ainda menores e o saldo acumulado na balança vai cair. Isso só considerando a queda de dois dias úteis de novembro para outubro. Entre as commodities com queda nos volumes estão soja em grãos (-43%), óleo de soja bruto (-6,5%), alumínio (-11,7%), carne suína (-6,7%), carne bovina (-13,9%), carne de frango (-1,6%), semimanufaturados de ferro e aço (-16,9%), minério de ferro (-8,5%) e gasolina (-1,8%), entre outros. Neste ano, nos acumulados dos últimos 12 meses, o saldo da balança comercial brasileira está caindo. Em julho estava em US\$ 30,79 bilhões, em agosto passou para US\$ 29,46 bilhões e em setembro caiu para US\$ 28,73 bilhões. Houve queda, também, no acumulado do ano. De janeiro a outubro de 2008, o saldo da balança comercial está em US\$ 20,845 bilhões. No mesmo período de 2007 estava em US\$ 34,373 bilhões, queda de 39,3%. A situação só não está pior por causa dos produtos manufaturados, que estão sendo exportados por causa de contratos já feitos. Estes contratos, porém, vão vencer e podem ser renovados em quantidades menores ou nem serem renovados, o que traça um cenário de piora para 2009. Para completar, há ainda muita mercadoria nos portos brasileiros esperando um câmbio mais favorável para a importação. Se o dólar cair, esta mercadoria importada pode entrar no saldo da balança comercial em alguma semana de novembro e fazer com que haja uma semana deficitária na balança, como ocorreu em outubro, mas a aposta dos especialistas é de que novembro tenha superávit na balança comercial, mesmo que pequeno.

Finalmente, nos voltando para o setor agrícola, a Conab divulgou nova projeção para a safra de grãos 2008/09, que mostrou um recuo entre 1,4% e 2,9% em relação à safra anterior. Em sua última estimativa, a Conab previa uma queda de 0,5%. No entanto, a produção de produtos básicos deverá ser mantida, como as culturas de arroz, feijão e trigo, que poderão inclusive apresentar algum crescimento. As políticas de incentivo do governo foram fundamentais para a manutenção da perspectiva da produção desses produtos. As condições piores para o financiamento contribuem negativamente para o plantio da próxima safra, que poderá apresentar recuo ainda maior do que o previsto. Já o IBGE divulgou o primeiro prognóstico da safra de grãos de 2009, que poderá apresentar uma queda de 3,3% em relação à produção de 2008. A redução, segundo o estudo não seria causada por fatores climáticos, que estão normalizados, mas sim por conta de um cenário macroeconômico de incertezas e de restrições creditícias. A área a ser colhida deverá crescer 1,2% em relação à deste ano, a produção de produtos como arroz e feijão devem mostrar crescimento. O governo vai garantir um preço mínimo para a próxima safra e poderá inclusive fazer estoques desses produtos.

Mercado Financeiro

Na primeira semana de novembro, o Ibovespa caiu levemente, 1,6%, para o fechamento de outubro. O que marcou esses cinco dias úteis foi a volatilidade e a preocupação com a economia mundial para o ano que vem. A indefinição do mercado é com o crescimento para 2009, e os sinais que estão vindo de setores importantes, como o siderúrgico, por exemplo, são negativos. Parece que o distúrbio bipolar que citamos há alguns relatórios está passando, mas o mercado ainda não se recuperou e está longe disso. A volatilidade deve continuar e esta semana mostrou isso.

Uma coisa que temos notado ao acompanhar os resultados corporativos e a evolução dos papéis na Bovespa é que estamos em um bom momento para “ir às compras”. Muitos papéis perderam entre 70 e 80% do seu valor e estão baratos demais, alguns até abaixo de R\$ 1. Seria uma boa hora para recompor a carteira, analisando as “pechinchas” e comprando papéis baratos.

Passemos a uma descrição da semana nas principais bolsas do mundo para melhor apreciarmos a volatilidade da semana e nos informar melhor sobre os resultados corporativos relevantes.

Na segunda-feira, depois de um dos piores meses de sua história, o Ibovespa iniciou novembro operando no território positivo, encerrando em forte alta nominal de 2,66%. Vale destacar que o bom desempenho do índice foi sustentado principalmente pela notícia da fusão entre o banco Itaú e o Unibanco.

No mercado cambial, o dólar iniciou o mês de novembro com valorização, encerrando o dia em alta de 0,60%, sendo cotado a R\$ 2,16.

No plano corporativo, a divulgação de resultados referentes ao terceiro trimestre de 2008 permaneceu. A Paranapanema, empresa do setor de mineração,

informou que no período em questão atingiu um prejuízo líquido de R\$ 121,45 milhões, invertendo o lucro de R\$ 34,06 milhões alcançado no terceiro trimestre do ano anterior.

A construtora Eternit registrou um lucro líquido de R\$ 16,95 milhões no terceiro trimestre de 2008, um avanço de 80% se comparado aos R\$ 9,39 milhões alcançados no mesmo período de 2007.

Em evidência ficou a unificação entre Itáu e Unibanco, criando o maior grupo financeiro privado do Hemisfério Sul.

A Petrobrás anunciou que atingiu um novo recorde de exportação no mês outubro, registrando vendas médias diárias de 574 mil barris para o exterior, um total de 17,8 milhões de barris de petróleo vendidos no mês passado. Na Nymex, o barril do petróleo fechou com desvalorização de 5,75%, cotado a US\$ 63,91.

No mercado internacional, a bolsa de Hong Kong encerrou em alta de 2,69%, impulsionada pelo anúncio de um pacote de estímulo fiscal no valor de US\$ 11 bilhões, feito pelo governo da Coreia do Sul. No Japão, devido a um feriado, as bolsas não abriram.

Na Europa, as principais bolsas do continente encerraram novamente em alta, influenciadas pela expectativa de um possível corte nas taxas de juros pelo Banco Central Europeu e pelo Banco da Inglaterra, na quinta-feira. A bolsa de Paris apresentou ganhos de 1,17%, a de Londres fechou com valorização de 1,51% e a da Alemanha subiu 0,78%.

Na terça-feira, o Ibovespa encerrou em forte alta de 5,24%, influenciado pela valorização das commodities metálicas e do petróleo no mercado externo, o que refletiu na alta das ações da Vale e Petrobrás. Os papéis do setor financeiro e siderúrgico também tiveram destaque neste pregão.

O Banco Central anunciou que vendeu 12.250 contratos de “swap cambial” dos 14 mil que estavam à venda no leilão realizado no início da tarde, o que somou cerca de US\$ 601,1 milhões. O dólar comercial abriu o dia em queda, acompanhando a melhora nas bolsas internacionais, e sustentou esse nível após a realização da oferta. A moeda norte-americana fechou o dia com desvalorização de 2,67%, cotada a R\$ 2,11.

No plano corporativo, a Embraer informou que no período em questão atingiu um prejuízo líquido de R\$ 48,43 milhões, invertendo o lucro de R\$ 306,04 milhões alcançado no terceiro trimestre do ano anterior.

O frigorífico Friboi (JBS) registrou um lucro líquido de R\$ 693,98 milhões no terceiro trimestre de 2008, ao inverso do prejuízo de R\$ 78,30 milhões registrado no mesmo período de 2007.

O Banco Itaú apresentou um lucro líquido de R\$ 1,85 bilhão no terceiro trimestre deste ano, uma queda de 23,90% quando comparado ao montante de R\$ 2,43 bilhões registrados no mesmo período do ano anterior.

A Vale anunciou que retirou um pedido de aumento de 12% para os preços contratuais do minério de ferro vendido às siderúrgicas da China, conforme tinham adiantado fontes próximas às negociações. A mineradora negou que esteja cogitando pagar os custos do frete do produto, como haviam afirmado as mesmas fontes.

A Gerdau negou que teria planos de desativar usinas siderúrgicas diante da crise financeira internacional, com impacto sobre o crescimento econômico e na demanda por aço.

No mercado internacional, a bolsa de valores do Japão encerrou em alta superior a 6% nesta terça-feira, impulsionada pela fusão de duas importantes empresas do setor de eletrônicos.

Na Europa, as principais bolsas do continente encerraram em alta, acompanhando o clima menos tenso dos mercados internacionais. A bolsa de Paris apresentou ganhos de 4,62%, a de Londres fechou com valorização de 4,42% e a da Alemanha subiu 5%.

Nos Estados Unidos, o clima eleitoral contagiou positivamente as bolsas neste pregão.

Na Nymex, o preço do barril do petróleo encerrou em alta de 10,36%, sendo cotado à US\$ 70,53. Isso ocorreu devido aos sinais de que os cortes de produção anunciados recentemente pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) estão sendo aplicados.

Na quarta-feira, tivemos realização de lucros nas principais bolsas do mundo, e a vitória de Barack Obama nos Estados Unidos também contribuiu para um ajuste de preços no Ibovespa. A Bovespa fechou em queda nominal de 6,13%, puxada para baixo pela queda das commodities, principalmente petróleo e metais, pelo alto estoque divulgado de petróleo e por notícias ruins lá de fora, como o relatório de uma consultoria em colocação profissional que mostra que os empregadores tinham planos de demitir, em outubro, mais de 112 mil pessoas. Além disso, como sempre, o mercado comemorou antes a vitória de Barack Obama e, hoje, venderam e realizaram lucros com a valorização das ações nos últimos dias.

No mercado de câmbio, o Banco Central anunciou que vendeu o lote de 6 mil contratos de "swap cambial", com vencimento em fevereiro de 2009. A operação injetou no mercado um total de US\$ 475,60 milhões. A moeda norte-americana fechou o dia com valorização de 0,33%, cotada a R\$ 2,11.

No cenário corporativo, a Braskem anunciou um prejuízo líquido de R\$ 849 milhões no terceiro trimestre deste ano, invertendo o lucro apresentado no mesmo período no ano anterior, que foi de R\$ 132 milhões. Segundo a empresa, este resultado é explicado pelo aumento do impacto da variação cambial entre os períodos.

A Gerdau apontou lucro líquido de R\$ 1,42 bilhão no terceiro trimestre deste ano, registrando uma alta de 37,1% ante o resultado do mesmo período do ano de 2007, que foi R\$ 1,03 bilhão. Já a Gerdau Metalúrgica reportou lucro líquido de R\$ 259,1 milhões no mesmo período.

A TIM Participações registrou lucro líquido de R\$ 22,53 milhões no terceiro trimestre de 2008, ao inverso do prejuízo de R\$ 126,95 milhões apresentado do terceiro trimestre de 2007.

O Grupo Pão de Açúcar anunciou seus resultados referentes ao terceiro trimestre de 2008, somando um lucro líquido de R\$ 82,51 milhões, um avanço de 137,8% frente aos R\$ 34,70 milhões apresentados no mesmo período de 2007.

Figurando entre as maiores quedas do Ibovespa, durante a maior parte deste pregão, estiveram as ações do Itaú, Itaúsa e Unibanco, com os investidores embolsando os ganhos obtidos nos últimos dias.

No mercado internacional, as bolsas do oriente e do ocidente apresentaram resultados opostos. Na Ásia, as principais bolsas encerraram o dia em alta, após a vitória de Barack Obama nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, na expectativa de que este novo governo acelere medidas econômicas para contornar a crise financeira mundial. A bolsa de Tóquio fechou com alta de 4,46%, enquanto a bolsa de Hong Kong subiu 3,2%.

Na Europa, as principais bolsas encerraram o dia em queda, com os investidores afirmando que a vitória de Obama já era sabida e que as preocupações diante da economia global continuam, além das bolsas estarem pressionadas pelos fracos desempenhos corporativos e pelos resultados de indicadores que desagradaram o mercado. A bolsa de Paris fechou com um recuo de 1,22%, Londres desvalorização de 1,36% e Alemanha queda de 0,59%.

Nos Estados Unidos, as bolsas operaram em queda, com os investidores preocupados com a postura que o novo presidente eleito, Barack Obama, terá que tomar frente aos problemas relacionados à crise financeira mundial.

O Departamento de Energia informou que os estoques de petróleo do país subiram 54 mil barris na semana encerrada em 31 de outubro, ficando em 311,92 milhões de barris. Vale destacar que os analistas esperavam um aumento de 1,2 milhão de barris. Na Nymex, o preço do barril do petróleo encerrou em queda de 7,42%, sendo cotado à US\$ 65,30.

Na quinta-feira, o Ibovespa encerrou em forte queda nominal de 3,77%, acompanhando o clima tenso dos principais mercados internacionais. O destaque do dia foi a redução do Banco Central da Inglaterra e do Banco Central Europeu de suas respectivas taxas básicas de juros. Em apenas dois dias, a Bovespa perdeu quase a metade do que ganhou em uma semana. No dia 27 de outubro ela fechou no seu menor patamar do ano, 29.435 pontos. Depois, só subiu: fechou o mês em 37.256 e chegou a mais de 40 mil pontos na terça-feira. Dois dias, porém, bastaram para ela perder quase a metade do que subiu. Curiosamente, a única bolsa a fechar em alta foi a da Argentina, que caiu tanto nos últimos dias e vem se recuperando timidamente. Mas o Merval ainda está 25% mais baixo que há um mês atrás. Chegou a cair quase a metade em apenas um mês.

O Banco Central anunciou que vendeu 8.640 contratos de “swap cambial” dos 10 mil que estavam à venda no leilão realizado no início da tarde, o que somou cerca de US\$ 426,9 milhões. O dólar comercial abriu o dia em alta, acompanhando a tensão nas bolsas internacionais, e sustentou esse nível mesmo após a realização da oferta. A moeda norte-americana fechou o dia com valorização de 3,92%, cotada a R\$ 2,20.

No ambiente corporativo, o Unibanco anunciou um lucro líquido de R\$ 703,54 milhões no terceiro trimestre deste ano, queda de 41,33% quando comparado ao montante de R\$ 1,20 bilhão registrado em igual período de 2007.

No setor de construção, a Gafisa anunciou um lucro líquido de R\$ 37,97 milhões no terceiro trimestre de 2008 ante o saldo positivo de R\$ 32,39 milhões registrado no mesmo período do ano anterior.

A Ambev, maior fabricante de bebidas brasileira, anunciou que obteve uma elevação de 60,90% em seu lucro líquido no terceiro trimestre deste ano. No período em questão, a companhia apurou lucro líquido de R\$ 949,04 milhões ante resultado positivo de R\$ 589,83 milhões registrado no mesmo período de 2007.

A CPFL Energia anunciou um lucro líquido de R\$ 338,59 milhões no terceiro trimestre de 2008, tendo uma queda de 20,97% em relação ao montante obtido no mesmo período de 2007.

A Petrobrás informou à ANP (Agência Nacional do Petróleo) uma nova descoberta de indícios de hidrocarboneto na costa do Brasil. De acordo com a notícia, foram encontrados vestígios de óleo no bloco S-M-322, localizado na bacia de Campos, no Espírito Santo, em lâmina d'água de 1.275 metros.

No mercado internacional, as bolsas asiáticas encerraram em forte queda nesta quinta-feira, com os investidores embolsando os ganhos obtidos nos últimos

pregões e temendo que a economia entre em recessão. A bolsa de Tóquio fechou com queda de 6,53% e a bolsa de Hong Kong com desvalorização de 7,82%.

Na Europa, o clima de tensão acerca de uma possível recessão global influenciou negativamente os negócios nesta quinta-feira. A bolsa de Paris encerrou em queda 6,38%, a de Londres apresentou desvalorização de 5,70% e a da Alemanha caiu 6,84%.

Nos Estados Unidos, as bolsas operaram em queda na quinta-feira, com o clima de pessimismo em relação à crise financeira.

Finalmente, As negociações na Bolsa de Valores de São Paulo encerraram em alta nominal de 0,83% na sexta-feira, recuperando parte das perdas de pregões anteriores. O mercado, aqui e lá fora, teve uma ligeira queda no fim da tarde, durante a entrevista do presidente eleito dos Estados Unidos, Barack Obama, que não anunciou nomes para a sua equipe. A expectativa de todos era pelo anúncio do futuro secretário do Tesouro americano. Nos Estados Unidos, o Dow Jones caiu e, aqui no Brasil, a Bovespa acompanhou. Como lá fora tem mais uma hora de pregão, a perda foi recuperada.

No mercado cambial, o dólar voltou a operar em queda. A moeda norte-americana fechou cotada a R\$ 2,15, desvalorização de 2,04%.

No ambiente corporativo, a Companhia de Transmissão de Energia Elétrica Paulista (Cteep) anunciou que no período em questão, atingiu um lucro líquido de R\$ 231,12 milhões, um avanço de 17,67% se comparado aos R\$ 196,4 milhões registrados no terceiro trimestre de 2007.

A Lojas Americanas informou que no terceiro trimestre de 2008 registrou um lucro líquido de R\$ 14,96 milhões, um resultado 76,5% acima do montante de R\$ 8,47 milhões alcançados no mesmo período do ano anterior.

A B2W, empresa de comércio via internet, anunciou seu balanço do terceiro trimestre de 2008, onde alcançou um lucro líquido de R\$ 26,91 milhões, um aumento de 80% quando comparado o lucro de R\$ 14,94 milhões registrado no mesmo trimestre de 2007.

O bom desempenho das ações da Petrobras na sexta-feira estava relacionado com a expectativa sobre o resultado do terceiro trimestre deste ano, a ser anunciado na semana que vem, e que deve ser positivo, além da alta do petróleo no mercado internacional. Na Nymex, o barril da "commodity" encerrou o dia com valorização de 0,27%, sendo cotado a US\$ 61,04.

No mercado internacional, a bolsa coreana chegou a cair mais de 4,9% e fechou em alta de 3,87% depois que o Banco Central do país anunciou novo corte de juros, de 4,25% para 4%. É o terceiro corte em menos de um mês. A bolsa de Tóquio abriu com forte queda, de mais de 6% e fechou em baixa de 3,55%. A recuperação ficou difícil depois que a Toyota divulgou mudanças na previsão de lucro líquido para este ano, que cairá pela metade em função da crise. Hong Kong subiu 3,3%, Sydney, 2,4%; Xangai, 1,7%.

Na Europa, a alta do petróleo influenciou positivamente o papel de empresas petrolíferas. As empresas do setor farmacêutico também impulsionaram as principais bolsas do continente, que fecharam em alta, recuperando parte das perdas de sessões anteriores. A bolsa de Londres subiu 2,69%, a de Paris avançou 2,42% e a da Alemanha apresentou alta de 0,37%, mesmo após o anúncio de que a produção industrial do país sofreu seu maior corte desde 1995. Nos Estados Unidos, as bolsas operaram em alta.

Entre as maiores altas da semana, no Ibovespa, estiveram presentes as ações ON da Nossa Caixa. A iminência de compra da Nossa Caixa, instituição que pertence ao governo do estado de São Paulo, pelo Banco do Brasil, alavancou as

negociações com os papéis da Nossa Caixa. Conforme o noticiário, para que a operação se realize, falta apenas o aval do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Ibovespa - Maiores na SEMANA

Altas	Preço	(%)	Baixas	Preço	(%)
Nossa Caixa ON	48,65	50,62	Gafisa ON	12,15	-20,37
Ultrapar PN	48,01	20,35	Embraer ON	9,16	-18,57
Cesp PNB	11,95	19,51	Braskem PNA	7,85	-16,57
Perdigao ON	36,30	15,24	Usiminas ON	21,42	-15,83
Cosan ON	12,00	13,73	Rossi Resid. ON	3,74	-15,20
Lojas Renner ON	17,47	11,27	Sid. Nacional ON	24,58	-14,38
Itausa PN	8,00	11,11	Usiminas PNA	24,15	-13,74
Ambev PN	100,53	10,46	Tam S.A. PN	20,10	-12,56
Natura ON	20,60	10,17	Cyrela Realt ON	9,30	-12,26
Comgas PNA	35,75	9,99	Vcp PN	19,45	-9,62

Maiores no ANO

Altas	Preço	(%)	Baixas	Preço	(%)
Nossa Caixa ON	48,65	114,08	Rossi Resid. ON	3,74	-83,37
Natura ON	20,60	27,78	Gol PN	8,88	-79,58
Transm. Paulista PN	43,40	23,43	Aracruz PNB	2,59	-79,12
Telesp Atual PN	51,40	20,19	Cesp PNB	11,95	-72,32
Br.Tel.Part. ON	50,90	13,12	Vcp PN	19,45	-64,11
Cemig PN	33,96	12,10	Gafisa ON	12,15	-63,10
Eletronbras ON	24,86	5,56	Cyrela Realt ON	9,30	-61,51
BMF Bovespa ON	5,71	4,19	Usiminas ON	21,42	-60,23
Eletronbras PNB	22,52	4,15	B2W Varejo ON	28,21	-60,18
Pao de Acucar-CBD PN	34,70	4,05	All Amer.Lat. Unit	9,29	-59,50

Fatos econômicos da semana seguinte

Na semana que começa dia 10 de novembro, os dados relevantes virão de fora, principalmente a partir da quarta-feira. No Brasil, teremos dados relativos à inflação e ao emprego industrial. Já no exterior teremos os dados de PIB e inflação na Zona do Euro e na Alemanha; taxa de desemprego no Reino Unido; inflação e produção industrial na China; produção industrial no Japão; e vendas no varejo nos Estados Unidos.

No Brasil, na segunda-feira o Banco Central apresenta sua Pesquisa Focus; a SECEX os dados da Balança Comercial brasileira da primeira semana de novembro; o IBGE, a pesquisa industrial mensal de emprego e salário de setembro; e a ABCR, seu índice de atividade. Na terça-feira, a Fipe divulga o IPC da primeira quadrissemana de novembro; e a FIESP/CIESP, o emprego industrial de outubro. Na quinta-feira, a FGV publicará o IGP-10 de novembro.

No exterior, nos Estados Unidos, na quarta-feira serão publicados os dados semanais do setor hipotecário e os estoques de petróleo e derivados semanais. Na quinta-feira, teremos os Pedidos iniciais de auxílio desemprego semanais; a divulgação do orçamento mensal de outubro; e a Balança Comercial de setembro. Na sexta-feira, teremos o índice de preços de importados de outubro; as vendas no varejo de outubro; a prévia do índice de confiança da Universidade de Michigan de novembro; e os indicadores de estoques de setembro.

Na Zona do Euro, na segunda-feira o presidente do BcE participa de uma conferência em São Paulo. Na terça-feira teremos o levantamento ZEW de novembro. Na quarta-feira, teremos a produção industrial de setembro. Na quinta-feira, o BCE publica seu relatório mensal de novembro. Na sexta-feira teremos o CPI de outubro; o PIB do terceiro trimestre de 2008; e a reunião do presidente do BcE, em Frankfurt, com membros do comitê executivo do BcE.

Tratando da Alemanha em detalhe dentro da Zona do Euro, na quinta-feira, teremos os dados do PIB do terceiro trimestre de 2008 do país. Na sexta-feira, teremos o CPI de outubro.

No Reino Unido, na segunda-feira teremos o PPI de outubro. Na terça-feira teremos a Balança Comercial de setembro. Na quarta-feira, teremos a taxa de desemprego de setembro e o relatório de inflação do terceiro trimestre de 2008.

Na China, na segunda-feira, teremos o PPI de outubro. Na terça-feira teremos o CPI de outubro. Na quarta-feira, as vendas de varejo de outubro. Na quinta-feira, a produção industrial de outubro.

Finalmente, no Japão, na segunda-feira teremos a Balança Comercial de setembro e a conta corrente de setembro. Na quarta-feira teremos a confiança do consumidor de outubro. Na quinta-feira, a produção industrial de setembro e a utilização da capacidade instalada de setembro.

Yann Le Boulluec Alves – ECONOMISTA CHEFE

yann.alves@grupofundamentum.com.br

TERMO DE EXONERAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Este documento tem como objetivo servir de base para a discussão de elementos do ambiente econômico e setorial, através da compilação de informações e exposição de análises e de pontos-de-vista.

Tomamos os melhores cuidados com a confiabilidade das informações e de suas fontes, mas não podemos garantir a exatidão das mesmas ou das análises realizadas sobre elas. Todas as informações aqui contidas a título de "projeção" ou "previsão" se referem a análises com base em elementos e tendências atuais, cujos pressupostos podem mudar significativamente ao longo do tempo. O Grupo Fundamentum e suas coligadas não se responsabilizam por decisões tomadas com base neste relatório. Tanto o Grupo Fundamentum e suas coligadas quanto seus eventuais colaboradores e consultores, bem como convidados que figuram neste relatório, podem manter posições em ativos mencionados neste documento, bem como podem estar participando ou ter participado de projetos de consultoria/assessoria relacionados a organizações e pessoas aqui mencionadas. Os profissionais que figuram neste documento não são, necessariamente, vinculados ao Grupo Fundamentum e suas coligadas em qualquer aspecto. Ainda, no caso deste conteúdo ser distribuído no âmbito de contrato entre Grupo Fundamentum e suas coligadas e Internet Securities do Brasil Ltda (Grupo Euromoney), o Grupo Fundamentum e suas coligadas garantem ter os direitos de utilização econômica e/ou autorais relativos a este material, ou autorização, exceto aqueles dados que estiverem em domínio público. Se o documento foi recebido por engano, ou se não deseja mais recebê-lo, queira responder à mensagem eletrônica com ordem de interrupção do envio como "deletar", ou enviar e-mail com esta solicitação para yann.alves@grupofundamentum.com.br. Este documento não se destina a oferecer ou solicitar compra ou venda de quaisquer bens ou serviços.